

O TORNEIO DE BOTÕES

“Um torneio de botões?” Todos logo encamparam a idéia, dessa forma se iria saber quem efetivamente era melhor no jogo de botões, se Palmeiras, Vasco, Corinthians e tantos outros clubes, alguns até mesmo dos pampas e das alterosas. O daquele menino, por exemplo, que recentemente se mudara para a cidade e que falava de modo tão engraçado, chamando-nos por “tu”, era o Grêmio. Só que esses nomes não primavam pela estabilidade, bastava o dono mudar sua preferência por um time, o que acontecia com certa frequência e passar, por exemplo, do Palmeiras para o São Paulo, que o nome do clube também mudava. O que se há de convir é uma idéia bastante generosa, especialmente nos presentes tempos com a tal lei do rebaixamento, onde já se viu clube de prestígio ser humilhado dessa maneira.

Mas não eram somente os times que levavam nomes famosos, também os jogadores, vale dizer, os botões, de forma que desfilavam pelas mesas de jogo todos os craques daqueles tempos, o Friaça, o Danilo, o Baltazar – que no time do Bráulio era um botão branco, se alguém ainda tiver alguma dúvida sobre a inexistência de preconceito racial entre nós, aí está a prova definitiva – o Ademir, o Zizinho e tantos outros, hoje praticamente desconhecidos. Havia até mesmo os mais caprichosos que colavam os números dos jogadores no costado de cada peça, escondendo aqueles buraquinhos detestáveis que não serviam para nada.

Nas caixas de tarecos e nos escaninhos das máquinas de costura que invariavelmente cada família possuía, não paravam aqueles botões apropriados para o esporte, que não escapavam de nenhum de nós, olheiros implacáveis de futuros craques. Como se pode perceber, não muito diferente do que ocorre hoje em dia. De minha parte, conseguia alguma coisa com meu tio alfaiate, que possuía sempre uma profusão de lindos carretéis coloridos e botões de todos os tamanhos, comprados diretamente dos fornecedores que o visitavam. Era uma delícia vê-los e tê-los nas mãos, então, nem se fale, se bem que a preferência de escolha era, por evidente, de meus primos. Praticava-se muito o escambo de craques, que dinheiro para comprar diretamente na loja de armarinhos quase nunca sobrava, era pedir muito que se perdesse o seriado das matinês de domingo para adquirir alguns botões. Não era como hoje que os jovens têm

mesada farta e além disso ganham de tudo dos pais. Ninguém me tira da cabeça que o outro sistema era melhor, pois se dava mais valor às coisas, do que resulta a conclusão de que nem tudo dessa louca modernidade vale mesmo a pena.

As traves fazíamos nós mesmos, com arame grosso, depois recobertas de filó, muitos véus de noiva esquecidos em fundo de baú tiveram esse glorioso destino. E as bolas eram de cera, que também moldávamos, e por essa razão não poucas vezes as partidas tinham que ser temporariamente suspensas para que fossem consertadas. A melhor de todas, verdadeira joia, era feita com cera vermelha de dentista, que o Jair conseguia com o pai, possuir uma delas até dava “status”.

Nosso campeonato foi um sucesso absoluto até a última partida, na casa do Luiz Sergio, menino de família abonada que não era propriamente da turma, mas que acabou sendo convidado a participar. Começou ele vencendo o encontro, que por sorteio foi em sua própria residência, no quarto dos brinquedos, nenhum de nós conhecia tamanho conforto. Enquanto vencia por um gol, eram só sorrisos, que desapareceram quando veio o empate e se transformaram em cara amarrada quando o placar foi virado. A essa altura estávamos todos tensos e calados ao redor, pressentindo que aquilo poderia não acabar bem. Houve até quem cochichasse, com espírito conciliador, que melhor fora que a partida terminasse empatada, assim seriam dois campeões, o que constituiria, naquelas circunstâncias, providencial resultado que em nada prejudicaria a festa final, uma vez que não havia mesmo taça de campeão a ser partilhada, que tal sofisticação estava fora de nosso alcance. Porém o que veio, suprema danação, foi o terceiro gol do Jairzinho e aí estourou o quiproquó, botões voaram para todos os lados, os dois se engalfinharam, trocaram sopapos e foram ao chão derrubando a mesa. Bem que tentamos separá-los, o que somente o pai do Luiz Sérgio, acudindo aos gritos, conseguiu fazer. Recolhemos rapidamente os botões, naquela balbúrdia veio até um do adversário, que nunca foi reclamado – mas, não faltemos à verdade, se o fosse talvez negássemos sua posse, esses pecadilhos são muito comuns nas crianças – e tratamos de cair fora o mais rapidamente possível. No dia seguinte, no campinho da turma, sagramos o ainda assustado Jairzinho, de olho um pouco arroxeadado – podem vocês imaginar troféu maior que esse, defender com o próprio olho a

**honra de todos nós? – campeão do primeiro e único torneio de
botões daqueles tempos tão felizes!**

Darly Viganó
darly.vigano@gmail.com